



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO –
BRASILEIRA - UNILAB
POLÍTICAS DE IGUALDADE RACIAL NO AMBIENTE ESCOLAR- (UNIAFRO)**

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM ESCOLAS PÚBLICAS DE BARREIRA-CE

MARIA SALETE GONZAGA PEIXOTO

REDENÇÃO-CE

2016

MARIA SALETE GONZAGA PEIXOTO

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM ESCOLAS PÚBLICAS DE BARRREIRA-CE

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Políticas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar- (UNIAFRO) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro – Brasileira – (UNILAB) como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Políticas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Violeta Maria de Siqueira Holanda

REDENÇÃO-CE

2016

MARIA SALETE GONZAGA PEIXOTO

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM ESCOLAS PÚBLICAS DE BARRREIRA-CE

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Políticas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar- (UNIAFRO) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro – Brasileira – (UNILAB) como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Políticas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Violeta Maria de Siqueira Holanda

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Violeta Maria de Siqueira Holanda (Orientadora- UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Vera Regina Rodrigues da Silva (UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Francineide Bezerra Goergen. (UNILAB)

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Eu, MARIA SALETE GONZAGA PEIXOTO, aluna do curso de Especialização em Políticas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar- (UNIAFRO), declaro publicamente ser autora da monografia intitulada **Relações Étnico-Raciais em Escolas Públicas de Barreira-Ce**, e assumo a responsabilidade pela fidedignidade dos conteúdos apresentados, para os quais não existem restrições de divulgação e pela lisura com que foram por mim obtidos e empregados, sem qualquer violação de direito autoral.

Redenção/Ce, maio 2016.

Assinatura

Dedico este trabalho a duas pessoas que muito contribuíram para este projeto, são elas: minha filha Nathalie, amiga de todas as horas e minha irmã Lucinha que sempre ajudou para a conquista de meus objetivos. Como também a todas amigas professoras que compartilharam diretamente por meio de seus relatos de vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida. Como também a minha família e em especial à professora Mazarelo, entre as minhas interlocutoras, professoras negras protagonistas e fonte de inspiração, pois o referido trabalho seria impossível sem seus relatos.

Agradeço à minha mãe Nair, que desde sempre me incentivou nos estudos, mesmo com tantas dificuldades, em minha infância, ela sempre me ensinava a ler.

Agradeço ao meu pai Luiz, ao trazer jornais até a mim, na minha infância para que eu tivesse acesso à leitura das primeiras palavras.

Agradeço também à Prof.^a e Dr.^a Violeta Holanda, que foi muito paciente com a orientação, respeitando o tempo e limite de cada um.

Enfim, agradeço a todos que participaram direta ou indiretamente desta nova conquista em minha vida.

O preconceito racial é uma “doença”
que deve ser eliminada da sociedade brasileira.
João Carlos Soares.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender como professoras das escolas públicas do município de Barreira-CE lidam com as diferenças étnico-raciais e as práticas do racismo no ambiente escolar. A pesquisa, de caráter qualitativo, busca identificar e analisar as atitudes preconceituosas e racistas no ambiente escolar, recorrendo a cerca de comportamentos da comunidade diante de situações racistas no ambiente de trabalho das profissionais entrevistadas. Para tanto, irei debater as questões referente ao tema existente nas escolas públicas do município, analisando as diversas causas de constrangimentos sofridos pelos professores negros, as atitudes preconceituosas e racistas praticadas no ambiente escolar, bem como os desafios para a efetivação da igualdade étnico-racial, e de lidar com o preconceito racial no mercado de trabalho, com as lutas e reivindicações da população negra brasileira. A Constituição valoriza incontestavelmente a questão da diversidade, levantando assim vários questionamentos referentes à identidade da nação brasileira, comandada por até os dias atuais. De acordo com o estudo realizado, neste trabalho, e as referências realizadas pelos autores do mesmo, pude concluir que as relações étnico-raciais têm como finalidade ajudar a inserir o afro descendente no ambiente escolar, sem discriminação.

Palavras-chave: Relações, étnico-raciais, Escola.

ABSTRACT

This study aims to understand how teachers in public schools Barrier-EC council deal with ethno-racial differences and racism practices in the school environment. The research, qualitative character, seeks to identify and analyze the prejudiced and racist attitudes at school, talking about community behavior when faced with racist situations in the workplace. Currently, the multicultural issue worries many societies. Therefore, I will discuss the issues related to the existing theme in public schools in the city, analyzing the various causes of sustained constraints by black teachers, biased and racist attitudes by teachers in the school environment, and the challenges to the implementation of equality ethnic-racial, racial prejudice in the labor market, the struggles and demands of the black population. The Constitution undeniably appreciates the issue of diversity, raising various questions concerning the identity of the Brazilian nation, led by to the present day. According to the study, this work and the references made by the authors of it, I could conclude that the ethnic-racial relations are intended to help insert the african descent in the school environment, without discrimination.

Keywords: Ethnic-racial, relations e School.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. CAPITULO 1 - MULTICULTURALISMO E PERSPECTIVA INTERCULTURAL	14
2.1 Preconceito Racial no Mercado de Trabalho.....	15
2.2 Preconceito de Marca e Origem	17
2.3 Distribuição de Renda.....	20
3. CAPITULO 2 - TRAJETÓRIA DE LUTAS E REINVICAÇÕES DA POPULAÇÃO NEGRA BRASILEIRA.....	21
3.1 O Direito a Educação: Reivindicação das Organizações Políticas da População Negra	22
3.2 A Lei 10.639/03 e suas Implicações na Educação.....	25
4. CAPÍTULO 3 - PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL EM BARREIRA.....	27
4.1 O Campo da Pesquisa.....	27
4.2 Dados da Pesquisa.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	33
ANEXO.....	34

1. INTRODUÇÃO

A história brasileira está marcada por um processo de colonização que promoveu a escravidão e exploração do ouro por estrangeiros, o que contribuiu para a negação de uma alteridade sujeita à arbitrariedade. O debate multicultural na América Latina nos coloca diante da questão desses sujeitos históricos que foram massacrados, mas que souberam resistir e, hoje, continuam afirmando suas identidades fortemente nas nossas sociedades, mas numa situação de relações de poder assimétricas, de subordinação e exclusão ainda muito mais acentuadas por uma imposição de uma cultura eurocêntrica e ocidental (CANDAU, 2010).

Atualmente, a questão multicultural preocupa muitas sociedades, por isso o debate sobre este assunto é intenso nos Estados Unidos e também na Europa. Já na América Latina a questão multicultural tem uma especificidade. O território brasileiro foi construído com uma base, onde as relações inter-étnicas têm sido uma constante por meio de toda a sua história, uma história dolorosa e trágica principalmente quanto aos indígenas e aos afro-descendentes.

Para tanto dar-se a importância aos estudos sobre a discriminação racial no mercado de trabalho entre os professores das escolas públicas, uma vez que o ingresso de tal trabalho seja uma “boa aparência” estereotipada, tornando-se alvos de preconceito. Para isso, precisam desenvolver o máximo de suas habilidades para poder conquistar seu espaço dentro do mercado de trabalho, sujeitando-se a inúmeras condições indesejadas, para conseguir êxito e superação. Conforme destaca Camino et al. (2001), o preconceito se estabelece como um tipo de relação intergrupar, que se organiza em meio a relações de poder constituídas entre grupos. Isso permite fomentar representações ideológicas que possibilitam justificar a expressão de posicionamentos ou ações negativas e discriminativas, tão logo a expressão de atitudes hostis e depreciativas para com membros de grupos minoritários.

No caso dos negros, tudo se torna mais difícil, uma vez que os mesmos sofrem muito mais quando ocupam posições de destaque diante da sociedade tais como, cargos de administradores, executivos, dentre outros. No entanto, são vistos apenas para exercerem cargos mais baixos, os quais o nível de escolaridade alto não é exigido, portanto sua capacidade intelectual é simplesmente diminuída diante dos que apresentam um nível de escolaridade de alto escalão. Diante dessa visão discriminativa, os mesmos passam a incutir a idéia de se auto rejeitar buscando então no outro significado mudando seus traços, sua cor, arrancando de si mesmo suas verdadeiras origens para serem bem aceitos diante da sociedade cruel e racista. O que existe na sociedade, conforme constata Camino et al. (2001) é uma

forma de representação voltada para as relações raciais do trabalho, a qual é constituída por uma crença de que negros somente se inserem em atividades sem qualificação ou ligadas ao esporte, enquanto os brancos já conseguem se encaixar em atividades com nível maior de qualificação ou vinculadas ao poder.

Segundo Rodrigues (2012), em meados de 1970, há o ressurgimento do movimento negro que gera um grande debate sobre o peso do racismo que recai na estruturação da desigualdade social brasileira, buscando romper com o mito da democracia racial. No entanto, o autor explica o quão é difícil de transpor as barreiras das distâncias sociais entre negros e brancos dentro do mercado de trabalho, na educação e no exercício da cidadania. Logo, isso fez com que esse movimento negro buscasse romper com esse mito que se incorporou na fundação da sociedade brasileira.

Consideramos essas questões fundamentais para o desenvolvimento de processos de democratização na nossa sociedade. Em geral, temos uma visão muito formal da democracia onde a cidadania quase se manifesta exclusivamente através do exercício dos direitos políticos e da cidadania formal. Esses são elementos fundamentais, mas, hoje em dia, temos de ampliar o sentido da cidadania e incorporar a reflexão sobre a cidadania cultural, uma cidadania que desnaturalize o mito da democracia racial, ainda tão presente no nosso imaginário coletivo, reconhece as diferentes tradições culturais presentes numa determinada sociedade é capaz de valorizá-los e fazer com que essas diferentes tradições tenham espaços de manifestação e representação na sociedade como um todo.

Por tanto, esta pesquisa tem por objetivo compreender como professoras das escolas públicas do município de Barreira/Ceará lidam com as diferenças étnico-raciais e as práticas de racismo no ambiente escolar. Para tanto, irei debater as questões referente ao tema existente nas escolas públicas do município, analisar as diversas causas de constrangimento sofridos pelas professoras negras e diversas causas de constrangimento, bem como refletir acerca do comportamento dos professores diante de situações de racismo no ambiente de trabalho, apontando a necessidade de métodos e combate as práticas racistas e as causas que descartam o ingresso dos professores negros no mercado de trabalho.

Foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre o tema, além de entrevistas com quatro professoras negras de quatro dentre dezessete escolas públicas municipais de Barreira, com o intuito de fazer uma análise das compressões vivenciadas por elas.

O trabalho divide-se da seguinte forma:

No primeiro capítulo, abordo o contexto da nossa sociedade multicultural, sendo constituída por várias culturas, dentre elas, a africana. Reflito também sobre o preconceito racial e seus efeitos no mercado de trabalho no Brasil como consequência do processo de colonização. No segundo, analiso a luta da população negra pela igualdade e superação do racismo no decorrer da nossa história. Sua trajetória iniciada nos quilombos com situações de extremas humilhações e sofrimento. A jornada é difícil e mesmo com as inúmeras dificuldades já pode-se contar com avanços favoráveis em relação ao passado. Já no terceiro capítulo, analiso perspectivas e desafios da educação étnico-racial nas escolas pesquisadas do município de Barreira, como também as entrevistas realizadas com quatro professoras negras de escolas públicas da rede municipal.

2. CAPÍTULO 1.

MULTICULTURALISMO E PERSPECTIVA INTERCULTURAL

O multiculturalismo é um dado da realidade, pode-se dizer que seja também um pluralismo cultural, ou seja, o conjunto de manifestações culturais, no qual engloba do idioma a religião. A sociedade é multicultural. Pode haver várias maneiras de lidar com esse dado, uma das quais é a interculturalidade. Essa acentua a relação entre os diferentes grupos sociais e culturais. Para Gonçalves e Silva (2001,p. 19-20)

[...] “embora o multiculturalismo tenha se transformado, como apoio da mídia e das redes informais, em um fenômeno globalizado, ele teve início em países nos quais a diversidade cultural é vista como um problema para a construção da unidade nacional. (...) Em suma, o multiculturalismo, desde sua origem, aparece como princípio ético que tem orientado a ação de grupos culturalmente dominados, aos quais foi negado o direito de preservar suas características culturais” (2001, p. 19-20).

Portanto, o multiculturalismo é o termo que se associa a várias culturas, ou seja, uma diversidade nas mesmas. Na nossa sociedade, os fenômenos de apartheid social e também de apartheid cultural tem forte inter-relação e vem se multiplicando. Logo, este fenômeno corrobora para que a invisibilidade social ocorra. Representa a transformação do racismo em lei na África do Sul na perspectiva ideológica da mestiçagem cultural entre as diversas etnias negras. Este fenômeno (separação ocorreu entre 1948 e 1994). Nesse contexto, a perspectiva intelectual se contrapõe à qualificação e quer botar a ênfase nas relações entre diferentes grupos sociais e culturais. Quer estabelecer pontos. Não quer fechar as identidades culturais na afirmação de suas especificidades. Promove a interação entre pessoas e grupos pertencentes a diferentes universos culturais (GONÇALVES & SILVA, 2001).

Conforme o Ministério da Educação e de acordo com a Constituição de 1988, conceitua-se o termo etnia e pluralismo em três pilares: o primeiro refere-se a pessoa humana e ao seu universo definindo assim o cidadão sem distinção de raça, religião, sexo e cultura. No segundo refere-se a expressão “populações indígenas” e seus segmentos, reconhecendo a diversidade étnica da nação, aceitando, contudo, sua especificidade. E finalmente o terceiro pilar vem confirmar o pluralismo cultural visto como herança comum da nação devendo assim ser protegido.

A Constituição valoriza incontestavelmente a questão da diversidade, levantando vários questionamentos referentes à identidade da nação brasileira, comandada por até os dias atuais. Valorizando assim a contribuição deixada por essas três raças: branca, negra e indígena.

A identificação é de suma importância para distinção entre nação e etnia. Enquadra-se como etnia, a forma exclusiva de seus conhecimentos, o grupo étnico, a identificação etno-religiosa e etno-racial ou etnolinguístico que são rigorosamente cumpridos e reconhecidos, diferentemente da nação onde os sentimentos exclusivos não são importantes, ou seja, valorizados.

De acordo com Anthony Richmond, movimentos étnicos geograficamente concentrados e apoiados por instituições e associações sólidas podem alimentar veleidades de autonomia ou independência e ostentação de um nacionalismo étnico quando este faz referências à posse, presente ou passada, de um território geográfico.

Diante das questões podemos acreditar que a maior motivação capaz de segurar as ações dos que querem libertar-se das atitudes de racismo é o desejo de ambas as partes em função da dignidade. O desejo de ser reconhecido em patamar de igualdade e valorizado como tal faz melhorar a sua autoestima, levando os negros ao desejo da libertação e da inferioridade a que foram obrigados a enfrentar.

Podemos dizer que a imagem de grupo pode influenciar na identidade pessoal. Quando a sociedade enxerga determinado grupo de forma maldosa isso pode influenciar em seus membros visão de inferioridade. A reversão da negatividade do grupo exige ser trabalhado as áreas da educação, cultura, os meios de comunicação da população, a política e a economia.

2.1 PRECONCEITO RACIAL NO MERCADO DE TRABALHO

No Brasil, a sociedade está sempre esperando que os brancos cumpram com as obrigações que lhe são atribuídas. Quando se trata de negros, o fracasso sempre lhe é atribuído à cor da pele. Basta somente que um negro envolva-se em algum incidente para ser visto como perigoso à sociedade.

Na época de nossos avós, os termos discriminação racial, conflito racial, preconceito racial, não eram usados, simplesmente por que não os víamos como tais, ou não precisávamos entendê-los.

Durante a década de 1930 com o crescimento do capitalismo brasileiro, o lugar do negro ficou definido como sendo de acordo com o da profissão de sambista ou jogador de futebol, seu lugar seria o palco ou o gramado sem que jamais pudesse chegar a ser empresário o sambista e nem a técnico, juiz ou goleiro, o jogador, pois não lhe eram confiadas outras funções de maior valor.

A cor em nosso país é mais uma marca que uma raça. Todos os que valem pouco ou nada, são ditos como sendo de cor. Quando algo de ruim acontece ou sai errado diz-se logo “isso é coisa de preto”.

A busca pelo “embranquecimento” tem se tornado uma obsessão para as pessoas pobres e negras. Às vezes ouvem-se algumas pessoas negras falar que não são racistas, mas que gostariam que seus filhos casassem com pessoas brancas para que assim possam limpar o sangue. Muitas mães querem embranquecer seus filhos e netos dizem que assim terão mais condições favoráveis. Se um negro fica rico, logo procura uma mulher branca para viver, pois, revelam-se mais belas e finas que as negras. Tal atitude chega a irritar os brancos.

“Quando o preconceito de raça exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca, quando basta a suposição de que é de origem” (NOGUEIRA, 1985, p.78-79).

Segundo o autor supracitado, diante de situações cotidianas temos dois tipos de preconceito: O preconceito de marca e o preconceito de origem; onde o primeiro é quando se valoriza habilidades dos negros. E o segundo é quando não valorizamos os negros em nada em nenhuma habilidade existentes nos mesmos, colocando-os em total nível de inferioridade diante dos brancos.

O preconceito de origem, que o fenótipo ou aparência racial define o membro do grupo discriminado onde o preconceito é de marca e a ascendência prevalece nessa definição onde o preconceito é de origem. A aparência e descendência são assim, centrais na definição dos respectivos tipos. Quando o preconceito de raça se exerce em relação a aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações, os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca; quando basta a suposição de que o indivíduo desande de certo grupo étnico para que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é de origem (NOGUEIRA, 1985, p.78,79).

De acordo com Nogueira (1985), quando acontece um evento discriminatório por motivo racial, esta ocorre por duas formas que se distinguem quanto à natureza. Para a autora, o preconceito que prevalece no Brasil é aquela baseada no preconceito de cor, termo que se apresenta difuso na literatura relativa no tema, porém o autor prefere nomeá-lo de preconceito de marca. Em contrapartida, nos Estados Unidos, o preconceito racial que prevalece é aquele baseado na origem. Em outras palavras, quando o preconceito se exerce em relação à aparência física dos indivíduos discriminados diz-se que é preconceito racial de marca e

quando o preconceito por dedução de que o discriminado tem uma ascendência de certo grupo étnico, diz que o preconceito é de origem. Para Oracy um dos pontos que se pode julgar a diferença do preconceito de marca do preconceito de diferença do preconceito de origem é pelo modo de atuação do indivíduo.

O ponto central que a autora acima citada se refere, é que independente da forma ou da natureza do preconceito racial, ele está presente tanto aqui no Brasil como nos Estados Unidos. Em qualquer uma das modalidades de marca ou de origem está extremamente ligado ao modo de ser culturalmente condicionado, que se manifesta nas relações interindividuais.

Diante das questões e conceitos sobre os tipos de preconceito podemos fazer um breve diagnóstico quanto às relações étnico-raciais sofridas por professoras nas escolas públicas por meio de termos pejorativos causando situações de constrangimento e mesmo que camuflado de uma inocente brincadeira de rotina, torna-se na verdade o preconceito de marca, pois é ligado diretamente a cor pele e seus traços físicos afro-brasileiros. Conseqüentemente, tais brincadeiras causam certa situação de desconforto a determinados ouvintes presentes no local. Para tanto, se faz necessário a intervenção ligada a causa dos oprimidos aqui em questão, com projetos ligados a maneiras de trabalhar esses abusos no ambiente escolar, na tentativa de finalmente, extinguir de vez tais relações de discriminação étnico-raciais.

A escola como instituição social é responsável pelo processo de socialização dos sujeitos que a elas recorrem, a exemplo das crianças, e nesse sentido, é através dela que se estabelecem relações com crianças de diferentes núcleos familiares e, inevitavelmente, de diferentes matrizes culturais. É preciso entender que o fracasso escolar pode ser o resultado de uma postura racista e preconceituosa por parte do educador

2.2 PRECONCEITO DE MARCA E ORIGEM

O preconceito ainda influencia drasticamente no mercado de trabalho, principalmente, nos postos de serviços onde os cargos envolvem salários elevados, pois a maioria da população negra ainda está em funções braçais é o que diagnostica Rogério da Silva, membro do Fórum Regional de Entidades Negras e Parcerias de Juiz de Fora.

Para tanto, Silva (2007; p.30) afirma que “para um negro conseguir uma vaga ele tem que superar os candidatos brancos, pois se igualar ele já perde a oportunidade de emprego” Contudo, pode-se perceber tal sofrimento o que tange o preconceito racial no mercado de trabalho, pois, por muitas vezes para os negros conseguirem se sobressair nas entrevistas de

emprego tem que superar os brancos, haja vista se forem iguais não conseguirão a vaga de emprego.

A colonização do Brasil foi sustentada pela mão-de-obra escravizada, especialmente dos africanos, embora muitos indígenas também tenham sido capturados para a labuta compulsória imposta pelos europeus. O fim da escravidão se deu em 1888 com a Lei Áurea. Por isso, foi dura a luta desde a resistência dos quilombos até os movimentos abolicionistas por todo o território nacional. Mas, as condições de oportunidades da população negra ainda estão longe de serem iguais aos dos não negros.

O DIEESE- Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos acaba de publicar uma pesquisa que mostra um trabalhador negro receber em média salário 36,11% menor que um trabalhador não negro, conforme dados contundentes, publicado no caderno “Os negros no mercado de trabalho”. Os estudos foram feitos em base no sistema pesquisa emprego e desemprego. É possível observar que os negros recebem menos em qualquer comparação que se faça, seja por setores de atividades, seja por escolaridade. O segmento de negros é composto por preto e pardos e o de não negros envolve brancos e amarelos. Segundo a pesquisa do biênio 2011/2012 praticamente a metade dos ocupados 48,2% eram negros, porém suas remunerações por hora, em média ficavam limitadas e 63,89% do ganho-hora dos não negros. E quanto maior for a escolaridade observada, mais se abre a desigualdade (DIEESE, 2011).

O preconceito racial deve ser encarado pela população como um todo e os direitos civis devem ser respeitados em um país que se propõe democrático. Ainda podemos perceber uma extrema desigualdade entre brancos e os negros no Brasil, pois mesmo quando a sociedade e as políticas públicas insistem em dizer que o negro está inserido no mercado de trabalho, sabe-se que, na verdade, o racismo está evidente, ao ser comparado com o segmento branco, revela-se a contínua desigualdade. Pois muitas vezes por exemplo em uma entrevista de emprego a avaliação primordial preza pela qualificação não de suas habilidades e títulos, mas incontestavelmente por uma boa aparência. Querendo assim afirmar que para o negro concorrer com o branco terá que superá-lo, em outras palavras, optar por cada vez mais enfrentar o processo de embranquecimento, negando, assim, suas características e origens.

Mesmo que digam que no Brasil existe democracia racial, a cada dia fica mais evidente a discriminação racial contra os negros. Cabe a todos estarem atentos contra a discriminação e o preconceito, na busca pela abertura e oportunidade e igualdade na inserção no mercado de trabalho, valorizando a população negra.

Diante das questões pode até definir como mito da democracia racial quando na verdade e o que se pretende é negar a desigualdade entre negros e brancos no Brasil como resultado do racismo, chegando até a afirmação de que há entre os grupos aqui em questão uma situação de igualdade, oportunidade e tratamento sabemos que na verdade por enquanto isso é utopia.

Sabe-se que o dia 13 de Maio é comemorado o fim da escravatura no Brasil através da assinatura da Lei Áurea pela princesa Isabel. Sabemos que na realidade a escravatura ainda continua em relação às mulheres e em especial as negras, pois, a estas sempre são destinadas as piores vagas de emprego, ou seja, sempre são chamadas para ocupar as vagas de empregada doméstica ou babá, tirando assim qualquer perspectiva em ocupar uma vaga de melhor condição.

Desde os anos 80 as mulheres negras lutam a cada dia, fortalecendo seu papel como sujeitos políticos a fim de melhorar a condição de vida precarizada. Ainda falta uma longa caminhada para chegar ao objetivo esperado. Pois sabe-se eu no Brasil ser mulher negra tem suas dificuldades, pois, levando para o mercado de trabalho são discriminadas no conhecido processo seletivo, contando como boa aparência quando sentem-se inferiores as brancas por causa da cor e traços.

As mesmas sofrem em relação às oportunidades desiguais relacionadas ao mercado de trabalho quando tem que disputar com as brancas, pois dificilmente chegam a cargo de chefia, ou são destacadas nas empresas. Muitas delas enfrentam o dia a dia no mercado informal, a maior parte da discriminação sofrida pelas negras é identificada por raça e gênero.

Atualmente a participação da mulher o mercado tem avançado em relação ao passado. No que diz respeito ao salário ainda continuam em desvantagem quanto a raça e gênero, de acordo com IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), em 2007, a taxa de desocupação entre mulheres negras chegava a 12,4%, contra 9,4 % entre mulheres brancas, 6,7% entre os homens negros e 5,5% entre os homens brancos.

Para tanto se faz necessário que este quadro mude que as mesmas consigam vencer, conquistem seus espaços independentemente de sua cor, tendo em vista que a cor não define a capacidade intelectual, pois é capaz de executar qualquer atividade exercida por mulheres brancas, o importante é a força de vontade de conseguir algo.

2.3 DISTRIBUIÇÃO DE RENDAS

Diante das questões pode até definir como mito da democracia racial, quando na verdade o que se pretende é negar a desigualdade entre negros e brancos no Brasil como resultado do racismo, chegando até a afirmação de que há entre os grupos aqui em questão uma situação de igualdade, oportunidade e tratamento. Sabemos que na verdade por enquanto isso é utopia

Podemos afirmar que no mercado algumas profissões são reservadas exclusivamente para os brancos, ficando as menos favoráveis destinadas aos negros, vemos a desigualdade até na área da educação, pois a maioria da baixa escolaridade é mais intensa entre negros.

Constantemente nos deparamos com situações de preconceito e má distribuição de renda entre os negros. A demanda de negros e pardos inseridos em serviços domésticos vem crescendo a cada dia. No Brasil em todas as regiões a renda dos trabalhadores brancos é bem maior que a dos pretos e pardos.

Os trabalhadores em geral buscam mais oportunidades e rendimentos melhores no mercado de trabalho. Devido a varias mudanças em relação as desigualdades quanto emprego e renda pessoas menos qualificadas e negras não conseguem ser inseridas no mercado de trabalho, ou ficam sujeitos em áreas precárias, trabalhando com menos segurança e rendimentos inferiores.

Analisando as desigualdades sociais no mercado de trabalho, vários estudos foram feitos. Ianni (1966, apud Brandão, 2003) relata que as desigualdades não podem ser entendidas tendo em vista somente as características culturais, étnicas ou mesmo simplesmente raciais. No entanto, deve-se considerar também o contexto econômico, ou seja, na relação da força de trabalho com o capital na sociedade brasileira.

3. CAPÍTULO 2 - TRAJETÓRIA DE LUTAS E REINVIKAÇÕES DA POPULAÇÃO NEGRA BRASILEIRA

Inúmeras pesquisas têm revelado a luta da população negra pela superação do racismo ao longo da história do nosso país. Uma trajetória que se inicia com os quilombos, os abortos, os assassinatos de senhores nos tempos da escravidão, tem ativa participação na luta abolicionista e adentra os tempos da república com as organizações políticas, as associações, a imprensa negra, entre outros. Também no período da ditadura militar, varias foram as ações coletivas desencadeadas pelos negros em prol da liberdade e da democracia.

E na década de 80, no século XX, durante o processo de abertura política e redemocratização da sociedade que assistimos uma nova forma de atuação política dos negros e negras brasileiros. Estes passaram a atuar ativamente por meio dos novos movimentos sociais sobretudo os de caráter indenitário trazendo um outro conjunto de problematização e novas formas de atuação e reivindicação política. O movimento negro indígena a exclusividade do enfoque sobre a classe social presente nas reivindicações e denúncias da luta dos movimentos sociais da época. As suas reivindicações assumem um caráter muito mais profundo: indagam o Estado, a esquerda brasileira e os movimentos sociais sobre o seu posicionamento neutro e omissos diante da centralidade da raça na formação do país.

O movimento negro reivindica que a questão racial deverá ser compreendida como uma forma de opressão e exploração estruturante das relações sociais e econômicas brasileiras, acirrada pelo capitalismo e pela desigualdade social. Essa postura trás tensão no interior dos grupos reivindicativos dos anos 80 e 90. A esquerda brasileira é colocada a se posicionar contra a exploração capitalista e também contra o racismo. Tal cobrança acabou por desvelar a forma insidiosa de o racismo se propagar, inclusive dentro dos setores considerados progressistas. Ao depositar todas as forças de superação do capitalismo. Via a ruptura da estrutura de classes e instauração do socialismo, a esquerda brasileira com seus discursos e praticas políticas acabava por alimentar a idéia de que a questão racial estava subsumida na classe e desprezava a luta no movimento negro. Esse processo trouxe no final dos anos 80 e inicio dos anos 90, tensões, criticas e rupturas entre integrantes do movimento negro. Os partidos de esquerda e as entidades dos ditos novos movimentos sociais.

A apresentação do documento do movimento negro por uma política nacional de combate ao racismo e à desigualdade racial, ao presidente na época Fernando Henrique Cardoso em 20 de Novembro de 1995, vem de encontro a Marcha Zumbi Contra o Racismo, pela cidadania e a vida, deixa claro que valorizando o negro estamos cumprindo os objetivos

políticos e culturais. Portanto o referido documento mostra que programa de combate ao racismo e a desigualdade racial envolve a cultura, a preservação da história do povo negro-brasileiro valorizando os cultos, originários da África. Visando também que a legislação antirracista seja ampliada tendo assim o acesso de negros a cursos profissionalizantes, a universidade e áreas tecnológicas da melhor qualidade.

O movimento negro pode ser considerado como porta voz das proposições e reivindicações da população negra, é um propagador das perspectivas de paridade de participação, entendendo essa como um canal para a justiça social, buscando garantir redistribuição e reconhecimento de maneira simultânea.

Erando assim novos índices para a construção da democracia. Graças ao movimento negro, as questões de racismo vem sendo denunciadas com mais frequência. Na maioria das vezes são feias por negras (militantes ou não) em determinadas vezes são feministas.

Os movimentos sociais entre negros, as reações são positivas combatendo assim o sentimento de inferioridade entre os negros. A elação entre tais movimentos, não acontecem sem conflitos. Resultando garantia de seus direitos.

A organização de Quilombos contribuiu muito quanto ao trabalho livre e organizado. Temos como referencia Zumbi, não por ser guerreiro e sim por seu aspecto político.

A organização abolicionista teve grande importância, tendo em vista que lutavam contra o violento regime da escravidão. A união entre negros gerou a organização para conseguir sobreviver. A criação da frente negra brasileira mobilizou a população negra na luta por seus direitos.

Através de jornais a população negra divulga seus anseios e ações, caracterizando a imprensa negra. O movimento negro tem lutado muito perante a sociedade tentando conquistar a tão sonhada igualdade racial.

Todo esse processo resultou em um amadurecimento e mudança de rumo do movimento negro no terceiro milênio. A partir desse movimento, as suas reivindicações passam a focar uma outra intervenção política: A denuncia da postura de neutralidade do Estado frente a desigualdade racial reivindicando do mesmo a doação de políticas de ação afirmativa e a intervenção no interior do próprio Estado mediante a inserção de ativistas e intelectuais do movimento negro nas administrações municipais e estaduais de caráter progressista e no próprio governo federal. No entanto, mesmo quando essa inserção acontece ao ser comparada com o segmento branco da população, acaba por revelar a continuidade da

desigualdade. Os negros ainda encontram-se na sua maioria representados de forma precária, e por vezes, subalterna, nos escalões do poder.

Essa trajetória histórica e política do movimento negro se desenvolve imersa nas varias mudanças vividas pela sociedade brasileira ao longo dos últimos anos e se dá de forma articulada com as transformações na ordem internacional, o acirramento da globalização capitalista e a construção das lutas contra hegemônicas.

3.1 O DIREITO A EDUCAÇÃO: REIVINDICAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES POLÍTICAS DA POPULAÇÃO NEGRA.

Nas ações e lutas desenvolvidas pela população negra nos séculos XIX, XX e no decorrer do século XXI uma questão sempre atraiu a sua atenção devido ao seu papel estratégico na sociedade: A educação se tornou uma forte bandeira de luta do movimento negro no século XX.

Os ativistas do movimento negro reconhecem que a educação não é a solução de todos os males, porém, ocupam um lugar importante nos processos de produção de conhecimento sobre si e sobre os “outros”, contribui na formação de quadros intelectuais e políticos e é constantemente usada pelo mercado de trabalho como critério de seleção de uns e exclusão de outros. Além disso, a educação no Brasil, é um direito constitucional conforme o artigo 205 da Constituição Federal (1988). Porém, todas as pesquisas oficiais realizadas nos últimos anos apontam como o campo educacional tem produzido e reproduzido no seu interior um quadro de desigualdades raciais. A redemocratização do país iniciada nos anos 80 também possibilita a emergência de um novo perfil de intelectual que tematiza as relações raciais, sobretudo, no campo educacional. Cabe destacar que a consolidação dos cursos de pós-graduação em educação desencadeada a partir dos anos 70 possibilita a inserção paulatina de um grupo de intelectuais negros nas universidades públicas, e esses passam a produzir conhecimento sobre as relações étnico-raciais. Muitos deles eram quadros do movimento negro ou tiveram sua trajetória de vida e intelectual influenciada por tal movimento social. Novos grupos de pesquisa são criados e vários encontros, congressos e pesquisas educacionais voltados para a temática “negro e educação” começaram a ser desenvolvidos.

As questões como a discriminação do negro nos livros didáticos, a necessidade de inserção de temática racial e da História da África nos currículos, o silêncio como ritual a favor da discriminação racial na escola, as lutas e a resistência negra, a escola como instituição reprodutora ao racismo, as lutas do movimento negro em prol da educação

começam, aos poucos, a ganhar espaço na pesquisa educacional do país, resultando em questionamentos à política educacional. Desencadeia-se um processo de pressão ao ministério da educação, aos gestores dos sistemas de ensino e as escolas públicas sobre o seu papel na superação do racismo na escola e na sociedade.

Tanto na constituinte quanto na elaboração de nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), houve participação marcante de militância negra nos anos 80, no entanto, como nos mostra Rodrigues. (2005), nem a constituição de 1988 nem a LDB incluíram, de fato, as reivindicações desse movimento em prol da educação. Os debates em torno da questão racial realizados entre o movimento negro e os parlamentares revelam um processo de esvaziamento do conteúdo político das reivindicações.

Podemos dizer então, que até a década de 90, a luta do movimento negro brasileiro, no que se refere ao acesso à educação, participativa de um discurso diferencialista, todavia, em prol da inserção da questão racial no bojo das políticas públicas universais as quais tinham como norte: escola, educação básica e universidade para todos. Contudo à medida que esse movimento social foi constatado com as políticas públicas de educação pós-ditadura militar, de caráter universal, ao ser implementados, não atendiam à grande massa de população negra e não se comprometiam com a superação do racismo, seu discurso e suas reivindicações começaram a mudar. E nesse momento que as ações afirmativas, com forte inspiração nas lutas e conquistas do movimento pelos direitos civis dos negros norte-americanos, começam a se configurar com uma possibilidade e uma demanda política transformando-se no final dos anos 90 e no século seguinte, em ações e intervenções concretas. As demandas do movimento negro a partir de então passam a afirmar, de forma mais contundente, o lugar da educação básica e superior como um direito social e nesse sentido, como direito à diversidade étnico-racial.

Uma igualdade para todos na sua diversidade, baseada no reconhecimento e no respeito às diferenças a equidade é entendida como:

O reconhecimento e a efetivação, com igualdade dos direitos da população sem restringir o acesso a eles nem estigmatizar as diferenças que conformam os diversos segmentos que a compõe. Assim a equidade é entendida como possibilidade das diferenças serem manifestadas e respeitadas, sem discriminação; condição que favoreça o combate das práticas de subordinação ou de preconceito em relação às diferenças de gênero, políticas, étnicas, religiosas, culturais, de minorias etc. (SPOSATI, 2002.p 05).

Os dados referentes à persistência das desigualdades raciais divulgados pelas pesquisas oficiais (IPEA, 2008) são retomados com contundência pelo movimento negro ao indagar o papel do Estado e das políticas educacionais na revisão desse quadro.

A partir de 2003, com o Governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, nota-se o aprofundamento desse debate. Algumas iniciativas de mudança merecem destaque: No Governo Federal pela primeira vez é instituída a Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), em 2001 e no Ministério de Educação, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) em 2004. No tocante à educação é nesse contexto que finalmente é sancionada a Lei nº 10.639, em janeiro de 2003, alterando a Lei nº 9.394/96 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

3.2 A LEI 10.639/03 E SUAS IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO

Esta Lei e suas respectivas formas de regulamentação (resolução CNE/CP 01/2004 e parecer CNE/CP 03/2004) vinculam-se a garantia do direito à educação. Elas o requalificam incluindo neste o direito à diferença. A sua efetivação como política pública em educação vem percorrendo um caminho tenso e complexo no Brasil. É passível perceber o seu potencial indutor e realizador de programas e ações direcionados à sustentação de políticas de direito e de reforço às questões raciais em uma perspectiva mais ampla e inclusiva. Estes vêm sendo realizados pelo MEC e em graus muito diferenciados, pelos sistemas de ensino. Com avanços e limites a Lei 10.639/03 e suas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História Afro-Brasileira e Africana (Brasil, 2004) possibilitaram uma inflação na educação brasileira. Elas fazem parte de uma modalidade de política até então pouco adotada pelo Estado brasileiro e pelo próprio MEC. São políticas de ação afirmativas voltadas para a valorização da identidade, na memória e da cultura negra reivindicadas pelo movimento negro e demais movimentos sociais partícipes da luta anti-racista.

Estamos, portanto, em um campo de tensões e de relações de poder que nos leva a questionar as concepções, representações e estereótipos sobre a África, os africanos, os negros brasileiros e sua cultura construídos historicamente e socialmente nos processos de dominação, colonização e escravidão e as formas como esses são reeditados ao longo do acirramento do capitalismo e, atualmente no contato da globalização capitalista, como nos diz Menezes (2007); “Falar sobre África significa pois questionar e desafiar crenças queridas, pressupostos afirmados e múltiplas sensibilidades” (p.56).

A autora ainda adverte que civilização, nação, cultura, raça, etnia e tribos são construções da modernidade.

Compreender a naturalização das diferenças culturais entre grupos humanos por meio de sua codificação com a idéia de raça; entender a distorcida realização temporal das diferenças, de modo que tudo aquilo que é não-europeu é percebido como passado (Quijano, 2005) e compreender a ressignificação e politização do conceito de raça social no contexto brasileiro (Munanga e Gomes, 2006) são operações intelectuais necessárias a um processo de ruptura epistemológica e cultural na educação brasileira. Esse processo poderá, portanto, ajudar-nos a descolonizar os nossos currículos não só na educação básica, mas também nos cursos superiores.

Um país pode ser muito rico e seus habitantes muito pobres. Ou pode não ser tão rico e seus habitantes desfrutarem de um padrão de vida superior ao de um país que tenha uma renda per capita maior. Ao que determina essa diferença é o perfil da distribuição de renda, ou seja, como a riqueza total que é produzida no país se distribui entre os habitantes.

Mesmo que digam que no Brasil existe democracia racial, a cada dia fica clara a discriminação racial contra os negros, cabe a todos serem solidários contra a discriminação e preconceito na busca pela abertura de oportunidade e igualdade na inserção ao mercado de trabalho valorizando a população negra.

4. CAPÍTULO 3 - PERSPECTIVAS E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL EM BARREIRA

Implementação do direito à igualdade é tarefa fundamental a qualquer projeto democrático, já que em última análise a democracia significa a igualdade; no exercício dos direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais. A busca democrática requer fundamentalmente o exercício em igualdade de condições dos direitos humanos elementares. Se a democracia se confunde com a igualdade, a implementação do direito à igualdade, a implementação do direito a igualdade por sua vez impõe tanto o desafio de eliminar toda e qualquer forma de discriminação como o desafio de promover a igualdade. Para a implementação desse direito é preciso que se intensifiquem e se aproximem ações em prol do alcance dessas duas metas que por serem indissociáveis, não de ser desenvolvidas de forma conjugada.

Sob a perspectiva racial, considerando as especificidades do Brasil, que é o segundo país do mundo com o maior contingente populacional afrodescendente (45% da população brasileira, perdendo apenas para a Nigéria, tendo sido, contudo, o último país do mundo ocidental a abolir a escravidão, faz-se emergencial o legado de exclusão étnico-racial, que compromete não só a plena vigência dos direitos humanos, mas a própria democracia no país, sob pena de termos democracia sem cidadania.

4.1 O CAMPO DA PESQUISA

Esta pesquisa se deu pela violação de direitos sofrido em diversas situações em que pessoas afro-descendente inúmeras vezes são diminuídas pela sociedade por causa de sua aparência. No entanto são excluídas diante de uma oportunidade de emprego, quando sabemos que a cada dia cresce a discriminação racial que ainda se faz presente no nosso dia-a-dia. Portanto a finalidade deste trabalho é poder identificar as relações étnico-raciais e de gênero dos professores negros das escolas públicas no município de Barreira-Ce, na tentativa de debater questões pertinentes ao tema existente em nossas escolas. Analisando as diversas causas de constrangimentos sofridos pelos professores negros, na intenção de poder amenizar da sociedade todo o tipo de preconceito seja ele: cultural, social ou econômico. Haja vista que os mesmos sofrem a discriminação na hora de conseguir uma oportunidade de emprego, onde na maioria das vezes os critérios para a avaliação ao ingresso no mercado de trabalho seja a boa aparência. Poder conhecer como a comunidade escolar está lidando com as diferenças étnico-raciais e práticas de racismo no ambiente escolar.

Acreditamos que analisar o racismo no cotidiano, a exemplo do seu dia-a-dia, ajudamos a questionar visões politicamente confortáveis segundo as quais o racismo está contido na periferia ou nas margens das relações sociais. Estudar o racismo cotidiano, tal como se manifesta em práticas sistemáticas, recorrentes e familiares, ajudamos a compreender de que forma a diferença é geradora de desigualdades.

A escolha do tema se deu a partir de vários fatores: entre eles as brincadeiras pejorativas, tendo a necessidade de intervenção quanto algumas práticas preconceituosas existentes nestas escolas. Na maioria das vezes, as pessoas negras que são vítimas das manifestações racistas não se dão conta do quanto estão sendo injustiçadas. Diante de tal problemática a presente pesquisa torna-se relevante científica e socialmente, uma vez que busca evidenciar as conseqüências que as posturas racistas ou passivas diante do racismo trazem para o processo ensino-aprendizagem e conseqüentemente para a convivência social.

A polêmica em torno do referido tema, vimos então saber que somos todos iguais aos olhos de Deus, com nossas qualidades e defeitos. No entanto pretendemos mostrar um pouco da necessidade dos negros no mercado de trabalho. Para tanto, a importância da pesquisa se dá pela conscientização de que todos têm os mesmos direitos de oportunidades no mercado de trabalho, independente da nossa cor, religião ou classe social, justificando que o importante para o mercado de trabalho não importa a aparência e sim o intelectual, ou seja, a capacidade para desenvolver aquilo que seu trabalho sugere deixando de lado a aparência.

Para a realização desta pesquisa foi preciso varias visitas em algumas escolas públicas do município de Barreira-Ce. Nas primeiras visitas houve apenas a observação quanto alguns professores negros existentes nas escolas. Logo após fizemos um convite para uma roda de conversa informal com esses professores para a partir dessa conversa iniciamos uma possível entrevista.

Participaram dessa pesquisa uma amostra de quatro professoras negras de uma escola. Todas licenciadas em pedagogia. Diante de tal problemática a pesquisa buscou evidenciar alguns resultados que as ações racistas trazem para o ambiente de trabalho e para a convivência social.

Apesar da polêmica do tema, a pesquisa foi bem aceita pelos professores as quais responderam a entrevista com satisfação um poder relatar sobre suas vidas, um desabafo quanto a trajetória árdua e as caixas que dificultam os ingressos no mercado de trabalho.

De acordo com a pesquisa, fica evidente que a discriminação racial está presente em todos os ângulos do mercado de trabalho. Principalmente nas escolas, pois percebe-se que

sempre no início do ano letivo, os pais sempre querem saber sobre os professores dos seus filhos, sendo notória a ânsia por professores de boa aparência e se possível de cor branca. Tal conceito é passado para as crianças que rejeitam já desde o início.

Diante dessa situação os professores tendem a usar todos os recursos para convencê-los na tentativa de reverter a situação. Muitas vezes quase sem querer entram no processo de embranquecimento, alisamento capilar para alcançar com sucesso melhor posição social tanto no trabalho como na sociedade. Tal processo é a prova concreta do racismo brasileiro, tendo em vista que para o negro alcançar uma boa posição social tem que apresentar-se com traços de brancos.

4.2 DADOS DA PESQUISA

Através da entrevista realizada com quatro professoras negras das escolas da rede pública do município de Barreira-Ce, detectamos o seguinte: Em relação à infância no ambiente escolar ambas começaram a estudar por volta dos sete anos de idade, devido às dificuldades as mesmas aprenderam o básico como o nome completo, em casa mesmo com suas mães ou avós, tornando mais fácil sua chegada ao ambiente escolar.

Quanto à acolhida na escola para algumas delas foi tranquilo, pois já tinham noção e a professora juntamente com os coleguinhas de sala as receberam muito bem, a professora entrevistada de número três relata que sofreu um pouco a discriminação através do olhar de alguns adultos para com ela, que depois de adulta pôde entender o motivo do olhar para ela, demonstrando a discriminação.

Elas relatam que sofreram o preconceito racial na escola, onde a entrevistada número um diz ter passado por situações preocupantes nas quais a incomodavam bastante devido seus cabelos cacheados; a número dois não sofreu preconceito, a número três sofreu bastante preconceito por conta dos professores sempre deixavam as crianças negras e pobres em último lugar em tudo no que diz respeito as atividades executadas na sala de aula, e fala mais, não se abalou com isso. A professora quatro fala que na época viviam o processo seletivo, onde ficavam as meninas separadas dos meninos e as brincadeiras não eram as mesmas que incluíssem garotos e garotas, nunca participou do desfile da rainha estudantil e anjinho da coroação por ser uma menina negra, feia e sem carne.

Quanto ao preconceito na fase adulta e a trajetória profissional: segundo a professora um, sofreu sim o preconceito da parte do pai de seus alunos, o mesmo a chamava de “negra urubu” e não queria sua filha estudando com a mesma, por ser consciente de tal situação teve

que se dedicar ao máximo em formações para conseguir superar as demais e desempenhar um bom trabalho profissional, onde surpreendeu o tal pai racista, chegando ao mesmo pedir desculpas à professora; já a professora dois não sofreu com isso, a professora três sofreu preconceito não por conta da cor e sim pela profissão na qual esta ocupa; a professora quatro fala que conseguiu com muito esforço um trabalho numa escola infantil de caráter privado, justificando assim que não era vista por sua capacidade profissional e sim pela cor da sua pele que parecia ser algo contagiante vista pelos pais dos alunos, na qual era algo intrigante.

Em relação à adolescência no ambiente escolar: A professora um, afirma que não foi nada fácil, devido a exclusão no grupo, o fato dela não negar sua origem; para as professoras dois e três foi tranquilo.

A forma como elas veem um jovem negro no Brasil atualmente: segundo a professora um, hoje em dia o negro jovem já não tem vergonha de demonstrar suas origens; a professora dois já acha que ainda é muito notório o racismo no Brasil; a professora três relata que além de ser negra e pobre ainda sofre muito o preconceito e termina sua fala dizendo que quem nasce de baixo permanece em baixo; a professora quatro além da tristeza vivenciada pelos negros jovens onde enfatiza que segundo uma pesquisa do IBGE (2010) 77% dos jovens negros morrem antes mesmo dos 25 anos, ou seja, a fase adulta devido as más condições de vida, e fala mais, poucos negros concluem o ensino médio, a educação superior é mínima.

Quanto ao futuro dos jovens negros: De acordo com as palavras citadas pela professora um, ela acredita na positividade, que vai melhorar e o respeito vai acontecer. A professora dois fala que já tem cargos de destaques marcados pelos negros, já a professora três diz que quem nasce baixo, permanece baixo para sempre e destaca a raridade de um jovem conseguir elevação social e a professora quatro concorda dizendo que a inserção do negro na sociedade ainda é um desafio, por conta do racismo disfarçado de “Democracia Racial”.

O principal fator que leva as pessoas a discriminação: Segundo professora um, deve-se ao fato de como esse povo veio para o Brasil, o não direito de se expressarem, já a professora dois acredita que está ligada a humanização das pessoas pois para aqueles que tem Deus no coração convivem com quem é negro sem problemas. A professora três destaca que a falta de educação ocasiona o fato; e a professora quatro diz que é a parte de informação das pessoas por não entenderem que Diante de Deus somos todos iguais, e afirma que lugar de negro é onde ele quiser, ou seja, em todo lugar.

O recado que elas deixam para quem sofreu discriminação racial: não podem e não devem se calar nunca se sintam inferior, não importa sua cor, ou posição social, Deus é quem decide a cor da pele não influencia no desenrolar da vida, ensinar ao mundo que somos iguais perante Deus.

A opinião em relação aos pais de alunos com professores negros: Atualmente já mudou bastante em relação ao passado, pois os alunos já respeitam mais; apesar de ter pais que ainda demonstram certa antipatia para com as professoras negras, e sugere que deve ser trabalhado as questões raciais em encontro de pais e mestres. Se o filho gosta do professor automaticamente os pais gostam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações étnico-raciais e de gênero têm como finalidade inserir professoras negras num ambiente escolar favorável, onde os mesmos possam ser tratados pela sua competência, que não existam termos pejorativos para com os mesmos. Sabendo então que etnia é um grupo social cujos membros consideram ter origem e cultura comum, identidade marcada por traços legítimos.

Nas escolas municipais de Barreira-Ce pesquisadas, foi realizado um estudo através de entrevistas com quatro professoras negras vítimas de preconceito racial no ambiente escolar, elas relatam a dificuldade desde a infância até a vida adulta vivenciada no dia a dia.

De acordo com o estudo realizado neste trabalho, podemos concluir que as relações étnicos raciais e de gênero têm como finalidade ajudar a inserir o afro descendente no ambiente escolar, sem discriminação, sem farça.

Tenho convicção que o preconceito nas escolas existe e é visível que há pouco interesse em debater sobre o tema quanto ao aprofundamento e avanço na construção da igualdade mantendo uma relação direta com as lutas políticas e sociais da população negra. Em prol do fim do racismo que já caminha ao longo dos séculos. Podendo assim por fim as lutas anti-racistas, construindo a democracia, igualdade e equidade para todos.

Notamos através de desabafo nas entrevistas, as frustrações vivenciadas pelas professoras negras, onde por muitas vezes são apelidadas de maneira indelicada, deixando as mesmas de lado das coisas boas que o mundo oferece, deixam elas com baixa auto-estima.

Contudo pretende-se de maneira objetiva, explorar o Maximo possível do assunto abordado no inicio, à medida que possa desenvolver um trabalho de qualidade a fim de proporcionar mais conforto e segurança para as professoras em vista alcançar os objetivos esperados.

Com este estudo se conclui-se que somos todos iguais, independente da cor, raça, ou etnia. Todos são capazes de desenvolver qualquer habilidade, e o que nos define são as nossas atitudes e não a classe social ou cor. Deixando anexo, para reflexão, o poema cantado de Victória Santa Cruz, e o Hino à negritude de Eduardo Oliveira.

REFERÊNCIAS

- CAMINO, L. et al. A face oculta do racismo no Brasil: Uma análise psicossociológica. **Revista de Psicologia Política**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p.13-36, s.m. 2001. Quadrimestral.
- CANDAU, V. M. (Org.) Moreira A. Flávio. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- BRANDÃO, A. A. P. Raça e indicadores sociais. In: OLIVEIRA, Iolanda de (Org.). **Relações Raciais e Educação**. 1. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003. p. 19-72.
- RODRIGUES, C. Engendrando Afrolatinidades: movimentos negros, estado e políticas públicas no Brasil e na Colômbia. In: OLIVEIRA, Iolanda de (Org.). **Relações Raciais no Contexto Social, na Educação e na Saúde**. Rio de Janeiro: Quartet, 2012. Cap. 3. p. 59-109.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Relações étnico-raciais e de gênero**. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2007.
- _____. **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Brasília: SECAD, 2006.
- GONÇALVES, L. A. O; SILVA, P. B. G. **O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos**. Belo Horizonte: Autêntica. 3. ed., 2001.
- MENEZES, R. de P. **Intervenção psicopedagógica**. 2007. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Pós-graduação em Educação, Pucrs, Porto Alegre, 2007.
- MUNANGA, K. e GOMES, N. L. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.
- NOGUEIRA, O. **Tanto preto quanto branco: estudos de relações sociais**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Edgardo Lander (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278

ANEXO

ENTREVISTA PROFESSORA 1

1. Fale um pouco da sua infância na escola.

R: Comecei a frequentar a escola um pouco tarde por conta da distância, fui alfabetizada em casa pela minha mãe e com meus irmãos. Quando vim para a escola já tinha 10 anos, mas fui bem acolhida tanto pela professora quanto pelos colegas de sala de aula.

2. Você já sofreu algum preconceito racial na escola?

R: Já passei por situações que me incomodaram bastante por conta dos meus cabelos, mas sempre fui muito bem resolvida em relação a isso.

3. E na fase adulta, sua trajetória profissional? Algum preconceito?

R: Quanto profissional já sofri preconceito por parte de um pai de aluno que dizia que não queria a filha estudando com uma “negra urubu”, mas com o passar do tempo este mesmo pai passou a me respeitar pelo meu trabalho e dedicação a sua filha.

4. E a sua adolescência no ambiente escolar, foi fácil? Teve que quebrar algum tabu?

R: Não foi fácil, alguns colegas não me aceitavam no grupo, achavam que eu era diferente, na verdade eu nem era tão diferente, apenas não negava o fato de ter o sangue negro, ter cabelos cacheados e pele escura. Tive que mostrar para eles que a beleza não é padrão e única e precisa ser vivida em sua plenitude.

5. Como você vê um jovem negro no Brasil hoje e o futuro dele?

R: Hoje o jovem negro já não tem vergonha de mostrar que ele é, porém, a sociedade ainda não os vê com toda a competência que estas pessoas têm. Acredito que no futuro possa melhorar, claro que não será fácil mais com luta e compromisso, o respeito irá acontecer.

6. Qual o principal fator que leva as pessoas a discriminação?

R: Acredito que um dos principais fatores dessa discriminação dar-se ao fato da história, de como esse povo foi trazido para o Brasil, e também pelo tipo de trabalho que eles foram colocados, que não dava o direito deles se expressarem, não tinham o direito de escolha.

7. Deixe seu recado para pessoas que sofrem discriminação racial?

R: Para as pessoas que sofrem preconceito racial não podem nem devem se calar, precisa se impor, buscar justiça e exigir respeito.

8. Qual sua opinião da relação dos pais de alunos para com professores negros?

R: Hoje já mudou muito em relação a isso, os pais já buscam mais a qualificação do profissional “isso no local onde eu trabalho” os alunos já os respeitam mais, porém ainda existe um longo caminho a ser percorrido.

ENTREVISTA PROFESSORA 2

1. Fale um pouco da sua infância na escola.

R: Fui inserida no ambiente escolar aos 07 anos de idade, pois na época a Lei era regida dessa forma, no ano de 1976. Eu era uma criança muito tímida, recordo-me que chorei muito no meu primeiro dia de aula, minha professora chamava-se Tia Nova, a escola era Odmar de Castro. Quando ingressei já sabia fazer meu nome completo, conhecia o alfabeto e as famílias silábicas, pois minha avó materna nos ensinava em casa, de uma maneira bem tradicional, mas a gente aprendia.

2. Você já sofreu algum preconceito racial na escola?

R: Não tenho lembranças, se aconteceu passou despercebido.

3. E na fase adulta, sua trajetória profissional? Algum preconceito?

R: Também não, mas vivenciei com outras pessoas e pude sentir o quanto é doloroso.

4. E a sua adolescência no ambiente escolar, foi fácil? Teve que quebrar algum tabu?

R: A minha adolescência para época considero que foi normal, logo que concluí a 8ª série, ou 9º ano (Ensino Fundamental), comecei a trabalhar aos 16 anos de idade, ensinando crianças, um pouco enfadonha, pois trabalhava e estudava, era muito sacrificado, mas confesso que valeu a pena.

5. Como você vê um jovem negro no Brasil hoje e o futuro dele?

R: Considerando que no Brasil já se criaram várias Leis para quebrar esses tabus, ainda é muito notório a questão do racismo, mas é também relevante achar que já foi pior. Hoje a raça negra ocupa mais lugares de destaques na sociedade do que antes.

6. Qual o principal fator que leva as pessoas a discriminação?

R: Essa questão da discriminação, eu acho que está muito associada a humanização das pessoas, pois quando essas são humanizadas, veem umas outras como seres humanos, e tem Deus no coração, aprendem a conviver com quem é, e pensa diferente. Portanto o principal fator é a DESUMANIZAÇÃO.

7. Deixe seu recado para pessoas que sofrem discriminação racial?

R: “Nunca se sinta inferior ou superior a ninguém, independente da sua cor ou posição social, pois aos olhos de Deus todos somos iguais”.

8. Qual sua opinião da relação dos pais de alunos para com professores negros?

R: Existem ainda muitos pais, que deixam transparecer antipatias pelos professores negros, ficam até muito incomodados com a convivência, mas é preciso romper essa barreira, isso a própria escola pode e deve estar trabalhando em encontro de pais e mestres, abordando temas sobre o assunto.

ENTREVISTA PROFESSORA 3

1. Fale um pouco da sua infância na escola.

R: Do que me lembro, minha infância foi tranquila, pois me relacionava com crianças do mesmo nível social que eu, ou seja, pobres e entre iguais é difícil acontecer a discriminação, mas alguns adultos de vez em quando mostravam um certo olhar, que só quando a gente cresce, é que entende como discriminação.

2. Você já sofreu algum preconceito racial na escola?

R: Sim, alguns professores acabavam deixando as crianças negras e menos favorecidas em último lugar em algumas situações, mas nunca me abalei com isso.

3. E na fase adulta, sua trajetória profissional? Algum preconceito?

R: Sim, mas creio que não fosse nem tanto racial, mas que fosse mais para preconceito social mesmo, muitas pessoas não aceitam bem o fato de uma pessoa pobre se destacar em uma profissão.

4. E a sua adolescência no ambiente escolar, foi fácil? Teve que quebrar algum tabu?

R: Foi bem tranquilo, pois sempre procurei amizades no mesmo nível social e por isso não sofri discriminação nem esbarrei em tabus.

5. Como você vê um jovem negro no Brasil hoje e o futuro dele?

R: Para mim a situação não foi e não é tão difícil mas sei que para a maioria dos jovens negros é bastante complicado, pois além de sermos negros somos também pobres e a discriminação social pesa muito, as oportunidades nunca chegam até nós, não só por causa da cor, mas também porque no Brasil como na maioria dos países as classes não se misturam, quem nasce em baixo permanece em baixo sempre, é muito raro os jovens negros conseguirem ascensão social.

6. Qual o principal fator que leva as pessoas a discriminação?

R: EDUCAÇÃO, ou melhor a falta dela.

7. Deixe seu recado para pessoas que sofrem discriminação racial?

R: A cor da pele não deveria interferir no desenrolar de nossa vida, mas infelizmente interfere, então façamos por onde o mundo possa perceber que temos tanta capacidade quanto qualquer ser humano e que quando temos e aproveitamos as oportunidades conseguimos nos destacar em qualquer campo. Além dessa ainda que, somos capazes de ensinar ao mundo que somos todos iguais.

8. Qual sua opinião da relação dos pais de alunos para com professores negros?

R: Quando o filho gosta do professor, por tabela os pais também gostam, mas infelizmente ainda existem pais que desrespeitam professores por causa da cor, que pena que eles ensinam aos seus filhos o eterno e não o interno das pessoas.

ENTREVISTA PROFESSORA 4

1. Fale um pouco da sua infância na escola.

2. Você já sofreu algum preconceito racial na escola?
3. E na fase adulta, sua trajetória profissional? Algum preconceito?
4. E a sua adolescência no ambiente escolar, foi fácil? Teve que quebrar algum tabu?
5. Como você vê um jovem negro no Brasil hoje e o futuro dele?
6. Qual o principal fator que leva as pessoas a discriminação?
7. Deixe seu recado para pessoas que sofrem discriminação racial?
8. Qual sua opinião da relação dos pais de alunos para com professores negros?

COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS

Minha vida escolar deu início nos anos 80, na rede pública municipal de minha cidade natal. Em um sistema educacional muito atrasado em relação a idade contemporânea a creche, a educação infantil era difícil acesso para as crianças de minha época, pois não existia legislação que obrigasse o Estado brasileiro a garantir educação para as crianças de 0 a 5 anos de idade. Somente aos 7 anos de idade tive a oportunidade do acesso a educação cursando a alfabetização e posteriormente as series do ensino fundamental. Diante de uma sociedade machista, eletista e capitalista, a escola daquela época nada mais era um aparelhamento de reprodução do preconceito, onde as meninas tinham as brincadeiras diferentes dos meninos, e quando se tratava de meninas negras, as oportunidades de participação social e de integração eram as mínimas, pois a boa aparência, ou seja, o estereótipo bonito era quem dizia o lugar e as oportunidades de cada um dentro da escola e na sala de aula.

“Eu nunca desfilei na escola para concorrer ao título de rainha estudantil, nunca me deram a oportunidade de ser Anjinho de coração. Eu era uma menina negra, magra e sem graça... [Eu]

Vale ressaltar que tive algumas dificuldades no meu processo de aprendizagem, a exemplo somente na 4ª série aprendi a ler com pouca fluência, acredito eu pôr na maioria das vezes, por ter passado vergonha e não me expressar diante das dúvidas que apareciam no cotidiano da sala de aula.

Ao concluir o ensino fundamental II, na época 8ª série, tive minha primeira e inesquecível oportunidade de emprego em uma escola particular de minha cidade, pelos os pais da referida escola. Eu era negra e muito jovem, iniciava minha carreira no magistério e com apenas 17 anos de idade se questionava como eu poderia transferir conhecimento. Talvez minha capacidade e mérito não estivesse em jogo, mas a cor da minha pele era algo contagiante.

Mesmo assim optei por o magistério, anos depois prestei concurso público para o magistério, cursei faculdade de pedagogia (UECE), hoje sou especialista na área das ciências humanas e matemática, desenvolvo trabalho social contra as diversas formas de preconceitos e nisto a blusa do combate ao racismo, porque minha alta estima falou mais alto que todos aqueles que me desprezaram, que me negaram o direito de me sentir igual as outras crianças.

Hoje olho para a juventude brasileira, e choro pelo futuro que vejo a nascer a cada estante, sem expectativa de um novo amanhã. Quando se trata da juventude negra a panorâmica é gritante. Segundo dados do IBGE (2010). 77% dos jovens negros vivem em condições de extrema pobreza, muitos morrem antes de completarem 25 anos de idade, moravam nas grandes periferias das cidades. Hoje poucos negros conseguem terminar o ensino médio, o mínimo do mínimo concluir uma faculdade. Mesmo com o sistema de cotas, a educação superior é mínima, as oportunidades no mercado de trabalho também compreendem a níveis baixos. A inserção do negro na sociedade ainda é um grande desafio a passar longos, pois ainda vivemos constantemente em um racismo velado, disfarçado de “Democracia Racial”.

Na minha opinião um dos principais fatores que geram a discriminação é a falta que geram a discriminação é a falta de formação por parte das pessoas em sociedade por não entenderem que tudo somos iguais perante a Deus e a sociedade. As pessoas que sofrem de discriminação, quero ressaltar para as mesmas que nunca desistam de seus sonhos, metas e projetos. Lembre-se “Jesus venceu o mundo” E lugar de negro é em todo lugar.

Aos pais de escolas deixo o meu recado: Que os mesmos avaliem os professores negros pelo o seu trabalho, pratica teoria e aprendizagem e não pela a melanina que verte a pele desses educadores.

Pronto, desabafei!!!

POEMA CANTADO

ME GRITARAM NEGRA, POEMA DE VICTORIA SANTA CRUZ

Em 21 de março de 1960, em Joanesburgo, na África do Sul, 20.000 pessoas faziam um protesto contra a Lei do Passe, que obrigava a população negra a portar um cartão que continha os locais onde era permitida sua circulação. Porém, mesmo tratando-se de uma manifestação pacífica, a polícia do regime de apartheid abriu fogo sobre a multidão desarmada resultando em 69 mortos e 186 feridos. A data é uma das escolhidas para as mobilizações preparatórias da Marcha das Mulheres Negras de 2015.

(Victoria Santa Cruz)

Tinha sete anos apenas,
apenas sete anos,
Que sete anos!
Não chegava nem a cinco!
De repente umas vozes na rua
me gritaram Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
“Por acaso sou negra?” – me disse
SIM!
“Que coisa é ser negra?”
Negra!
E eu não sabia a triste verdade que aquilo escondia.
Negra!
E me senti negra,
Negra!
Como eles diziam
Negra!
E retrocedi
Negra!
Como eles queriam
Negra!
E odiei meus cabelos e meus lábios grossos
e mirei apenada minha carne tostada
E retrocedi
Negra!
E retrocedi . . .
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Neeegra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
E passava o tempo,
e sempre amargurada
Continuava levando nas minhas costas
minha pesada carga
E como pesava!...

Alisei o cabelo,
Passei pó na cara,
e entre minhas entranhas sempre ressoava a mesma palavra
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Neeegra!
Até que um dia que retrocedia , retrocedia e que ia cair
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra!
E daí?
E daí?
Negra!
Sim
Negra!
Sou
Negra!
Negra
Negra!
Negra sou
Negra!
Sim
Negra!
Sou
Negra!
Negra
Negra!
Negra sou
De hoje em diante não quero
alisar meu cabelo
Não quero
E vou rir daqueles,
que por evitar – segundo eles –
que por evitar-nos algum disabor
Chamam aos negros de gente de cor
E de que cor!
NEGRA

E como soa lindo!

NEGRO

E que ritmo tem!

Negro Negro Negro Negro

Negro Negro Negro Negro

Negro Negro Negro Negro

Negro Negro Negro

Afinal

Afinal compreendi

AFINAL

Já não retrocedo

AFINAL

E avanço segura

AFINAL

Avanço e espero

AFINAL

E bendigo aos céus porque quis Deus

que negro azeviche fosse minha cor

E já compreendi

AFINAL

Já tenho a chave!

NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO

NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO

NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO

NEGRO NEGRO

Negra sou!

HINO À NEGRITUDE

Eduardo Oliveira

Sob o céu cor de anil das Américas
Hoje se ergue um soberbo perfil
É uma imagem de luz
Que em verdade traduz
A história do negro no Brasil
Este povo em passadas intrépidas
Entre os povos valentes se impôs
Com a fúria dos leões
Rebentando grilhões
Aos tiranos se contrapôs
Ergue a tocha no alto da glória
Quem, herói, nos combates, se fez
Pois que as páginas da História
São galardões aos negros de altivez

Levantado no topo dos séculos
Mil batalhas viris sustentou
Este povo imortal
Que não encontra rival
Na trilha que o amor lhe destinou
Belo e forte na tez cor de ébano
Só lutando se sente feliz
Brasileiro de escol
Luta de sol a sol
Para o bem de nosso país
Ergue a tocha no alto da glória
Quem, herói, nos combates, se fez
Pois que as páginas da História
São galardões aos negros de altivez

Dos Palmares os feitos históricos

São exemplos da eterna lição
Que no solo Tupi
Nos legara Zumbi
Sonhando com a libertação
Sendo filho também da Mãe-África
Arunda dos deuses da paz
No Brasil, este Axé
Que nos mantém de pé
Vem da força dos Orixás
Ergue a tocha no alto da glória
Quem, herói, nos combates, se fez
Pois que as páginas da História
São galardões aos negros de altivez

Que saibamos guardar estes símbolos
De um passado de heróico labor
Todos numa só voz
Bradam nossos avós
Viver é lutar com destemor
Para frente marchemos impávidos
Que a vitória nos há de sorrir
Cidadãs, cidadãos
Somos todos irmãos
Conquistando o melhor por vir
Ergue a tocha no alto da glória
Quem, herói, nos combates, se fez
Pois que as páginas da História
São galardões aos negros de altivez
(bis)